



## A FESTA DO DIVINO PAI ETERNO NA CIDADE DE PANAMÁ – GO: dinâmicas do espaço religioso.

Eloane Aparecida Rodrigues Carvalho  
Mestranda UEG  
eloane\_rodrigues@yahoo.com.br

### RESUMO

Essa pesquisa tem o intuito de analisar a fé e a religiosidade na “Festa em Louvor ao Divino Pai Eterno” na cidade de Panamá, município do estado de Goiás, tendo como objetivo fundamental enfatizar as relações de poder e as relações existentes na esfera social e a dimensão do elemento sagrado e o elemento profano nessa festividade, inclusive durante o processo de ocupação territorial dessa cidade.

A festa religiosa de Panamá possui incipientes registros sobre o processo histórico de sua formação, por isso influenciou a escolha desse tema, a fim de contribuir para a história local e refletir acerca das tradições culturais da cidade, bem como de sua memória e patrimônio imaterial.

Vários autores contribuíram para a análise dessa festividade dentre eles Max Weber, Pierre Bourdieu, Carlos Rodrigues Brandão, Leila Borges Dias Santos, Mônica Martins Silva por analisarem a relação entre o sagrado e o profano, o poder da instituição religiosa perante a sociedade, a ocupação territorial em sua dimensão religiosa e social além das festas e suas devoções como herança imaterial do município.

A relação entre o sagrado e o profano nas festas religiosas goianas é caracterizada pelo fato de um complementar o outro visando à permanência dessas festas e suas modificações com o passar dos anos. Para os fiéis a devoção aos santos torna-se de alguma forma o caminho mais curto para resolver seus problemas cotidianos, e para conseguirem obter a salvação precisam participar dos sacramentos que a instituição religiosa disponibiliza.

Para análise da festa religiosa da cidade de Panamá será utilizado alguns conceitos advindos também da fenomenologia da religião, sociologia da religião, história da religião, geografia religiosa, dentre outros, a fim de compreender não somente os inúmeros sacrifícios feitos pelos fiéis em devoção ao Divino Pai Eterno, mas também suas dinâmicas espaciais, sociais e históricas.

**Palavras-Chave:** Festa Religiosa; Divino Pai Eterno; Sagrado; Profano; Permanência.

As manifestações culturais no Brasil estão quase que invariavelmente ligadas a tradições religiosas, principalmente no Estado de Goiás, por manter várias tradições do passado além de adaptarem-se a certos momentos festivos do cotidiano dos indivíduos participantes. Por isso, os habitantes da cidade de Panamá, desde o início da manifestação de devoção ao Divino Pai Eterno, deram formas às suas próprias tradições, ou melhor, adaptaram os hábitos culturais existentes às suas necessidades.

Esse projeto pretende trabalhar com diversos autores que analisam a relação entre o sagrado e o profano, a relação entre os elementos racional e não-racional nos fenômenos religiosos, as relações de poder da Igreja Católica perante a sociedade e as devoções presentes nesse momento festivo como uma herança imaterial do município.

A relação entre o sagrado e o profano nas festas religiosas goianas é caracterizada pelo fato de um complementar o outro, a fim de tornar-se um dos principais motivos para a explicação da permanência dessas festas religiosas e as modificações que sofreram com o passar dos anos. Para os fiéis a devoção aos santos torna-se de alguma forma o caminho mais curto para resolverem seus problemas cotidianos e para obterem a salvação precisam participar dos sacramentos que a Igreja Católica disponibiliza.

A relação existente entre o sagrado e o profano e as manifestações de poder dentro dessa festividade, torna-se necessário compreender como esses conceitos se dão na sociedade e, principalmente, como se manifestam nessa festa religiosa do estado de Goiás, que ocorre tanto na cidade de Panamá, quanto em Trindade. Deve considerar as fontes que comprovam que essa festividade iniciou-se primeiramente em Trindade e em seguida, trazida para a cidade de Panamá. Nesse sentido é importante pensar como a devoção ao Divino Pai Eterno influenciou na formação histórica e a permanência de vários hábitos culturais dessas duas cidades.

Dentre os fatos a serem mencionados pode-se citar que ambas tiveram a mesma forma de povoamento, ou seja, voltadas para a religiosidade, conforme SANTOS (1976: 95) “[...]a origem do patrimônio remontava a formação do arraial, alinhando-se Trindade ou Barro Preto entre as inúmeras cidades brasileiras que originaram de patrimônio religioso”.

O aparecimento e o desenvolvimento das cidades contribuíram para a formação de várias religiões universais, nesse momento histórico específico houve uma ruptura entre o espaço urbano e o espaço rural, influenciando de alguma maneira a autorreflexão dessa sociedade e fazendo instituir novos hábitos, já que para a divisão do trabalho ter eficácia precisava-se principalmente de uma divisão material e intelectual. (RODRIGUES, 2011: 16)

Essa religiosidade deu origem àquilo que a sociologia/história da religião no Brasil tem chamado de “catolicismo popular”, o qual passou a ser definido pela presença da devoção aos santos, tendo como principal preocupação solucionar problemas cotidianos, ficando conhecido por seu caráter ritualístico e mágico, segundo as definições de Weber (2009) e Santos (2008).

O catolicismo popular tinha uma preocupação com a salvação, mas não na mesma intensidade que o catolicismo oficial. Segundo, SANTOS (2008: 84) “[...] Não se busca a perfeição,

mas um lugar garantido no paraíso, mesmo que de forma incoerente”. Esse catolicismo tradicional e popular foi desenvolvido no Brasil durante o regime de padroado, pelo fato dos clérigos não seguirem o catolicismo oficial e estarem mais ocupados com os assuntos seculares. Por isso, os religiosos não davam muita importância para a formação rigorosa e nem para a disciplina religiosa.

As manifestações de *fé* ao Divino Pai Eterno na cidade de Panamá iniciaram em 1918, no início da povoação, o local ficou conhecido como “Terra Quebrada”, nome referenciando ao relevo acidentado da região. Os primeiros moradores e fundadores do município de Panamá tinham o hábito de formar um grupo para subir a colina em oração para que no topo deste morro pudessem rezar um terço em homenagem ao santo de devoção. Em consequência ao ato de *fé*, foi edificado no local um cruzeiro para identificar onde exatamente era realizada esta reunião, que, com o passar do tempo, se tornaria uma tradição local.

Segundo Tereza (57 anos), por algum tempo sua avó, juntamente com outros moradores da região, reuniam-se no alto da colina para rezarem um terço, tanto para agradecerem as graças recebidas, quanto fazerem novenas em prol de obterem novos indultos. Com o passar dos anos esse grupo começou a reunir fundos próprios, e, em parceria com proprietários de terras da região, construíram um pequeno rancho<sup>1</sup> de palha numa área cedida pela avó da entrevistada, a fim de acolher a população que participava do terço.

Sabe-se ainda que ao lado da capela foi edificada uma barraca, para a realização de leilões das prendas doadas pelos romeiros e alguns fazendeiros da região, a fim de construírem uma nova capela. Esse objetivo logo foi concretizado e o local recebeu uma réplica da imagem de seu „santo padroeiro“ (Divino Pai Eterno), trazida da cidade de Trindade - GO por Tereza Maria de Jesus, a qual tinha uma grande devoção a este „santo“. Em consequência de tal fato, após a chegada dessa imagem houve um aumento das orações no lugar, e consequentemente o crescimento de romeiros.

---

<sup>1</sup> Segundo a entrevistada Tereza Maria dos Santos, sua avó e os demais moradores chamavam a capela de rancho devido no período não conhecerem o significado semântico específico desse termo. Vale destacar que a população local só começou a chamar o pequeno rancho de capela quando foi celebrada a primeira missa no local.

Segundo o relato do morador Roberto Guimarães, as romarias à capela do Divino Pai Eterno em Panamá podiam levar vários dias, e dependia, evidentemente, da distância da moradia dos fiéis. As pessoas dessa época comumente se deslocavam a pé ou em carros de boi, devido ser um dos meios de transporte mais acessíveis neste período, em virtude de não terem rodovias asfaltadas e nem condições financeiras que permitissem comprar um veículo para a peregrinação.

Para celebrar a primeira missa na nova igreja foi convidado um padre de nome Florentino, o qual sugeriu que o nome „Terra Quebrada“ fosse substituído por Divinópolis em homenagem ao „santo de devoção“, logo, o território foi elevado à categoria de distrito da cidade de Itumbiara com o nome sugerido.

Vários moradores da cidade afirmam que antes de haver o interesse por emancipar o distrito de Divinópolis, isto é, elevá-lo à categoria de município, como ocorreu em 14 de novembro de 1952, mudou-se para a região um casal que vinha da América Central, a nacionalidade destas pessoas homenageou um ribeirão das proximidades que ficou conhecido como Ribeirão Panamá. No processo de emancipação do local, a antiga Terra Quebrada e mais conhecida como Divinópolis pela população do sul de Goiás, recebeu o nome de Panamá.

Com a emancipação dessa cidade foi possível definir que daquele momento em diante o padroeiro seria o Divino Pai Eterno: uma decisão incontestável, já que, era costume do lugar render culto a esse “santo”. Desde a construção da primeira capela até a elevação desta à condição de santuário foram realizadas várias reformas e ampliações. As principais são citadas como: 1) a construção de uma capela maior em meados de 1928, onde a mesma recebeu a réplica da imagem de Trindade; 2) em 1973, parte da antiga igreja foi demolida para que fossem feitas modificações estruturais que trariam mais conforto às pessoas que ali chegassem.

A última reforma do santuário perdurou até meados de 1998 e transformou a iniciativa de uma pequena capela em um local capaz de suportar até 300 pessoas sentadas, além de conter um confessionário, sala dos milagres, salas administrativas, casa paroquial, galpão de eventos. Por conseguinte, com a contribuição da prefeitura foi construída uma estátua do padroeiro em



tamanho natural com pintura automotiva no trevo de acesso além de uma Via Sacra com pintura feita à mão no percurso de 7 km que distancia a BR 153 até a cidade.

O santuário de Panamá ainda guarda a primeira imagem do Divino Pai Eterno trazida de Trindade, que fica em uma sala separada do altar, pelo fato da imagem ser de pequeno porte e ter sido restaurada há pouco tempo. Essa festa religiosa em homenagem ao Divino Pai Eterno trouxe para a população panamenha um sentimento de devoção, na qual pode ser representada pela gratidão, confiança, amor, esperança, humildade e até mesmo de submissão. Com isso, os números de visitantes e de fiéis aumentaram gradativamente, uma vez que a maioria buscava, e busca adquirir uma proteção do „santo“ de devoção.

Ao analisar essas particularidades da festa religiosa de Panamá, é importante compreender que a maioria da população de Goiás, reconhece a imagem do Divino Pai Eterno como um „santo“, tendo sua imagem na maioria das vezes como uma preferência entre tantas outras de devoção pessoal.

Conforme as doutrinas da Igreja Católica, a imagem do Divino Pai Eterno representa a própria divindade cristã em si, gerando uma discrepância entre a doutrina pregada e estabelecida e a devoção efetiva dos fiéis. Tal discrepância é fruto, dentre outras coisas, do que Santos (2008) chamou de “ética da súplica”, ou seja, da necessidade de devoção e sacrifício mágico a uma entidade que lhe resolva os problemas cotidianos e imediatos.

Ao abordar o conceito de ética da súplica, é importante enfatizar o pensamento da pesquisadora Leila Borges Dias Santos, pelo fato de relacionar esse termo a um conjunto de regras que envolvem a súplica da graça para o cotidiano do indivíduo, a fim de receber os benefícios religiosos em vida. Essa união entre o homem e Deus, estabelece uma necessidade entre ambos, causando uma interdependência, assim, a oração tornou-se um ponto primordial para os indivíduos alcançarem a transformação de suas ações, levando-as a uma vida eterna após a morte. Segundo SANTOS (2008), essa religiosidade do estado de Goiás estava voltada apenas para as práticas do dia-a-dia, visando à fé para obter as graças de imediato.

A ética da súplica é uma forma de demonstrar, por meio da oferta do próprio sofrimento, o quão urgente se fazia a necessidade de pôr fim à agonia do fiel. Com a promessa e os rituais coletivos dedicados aos santos de devoção, atingia-se um patamar de superação catapultado pela fé capaz de sobrepujar a condição pesada da opressão vivida. A ética presente se associa a uma ética particularista, isso porque para uma ética ser universalista deve haver uma racionalização da crença nos espíritos que se transforma em crença nos deuses, no caso, o Deus do cristianismo. (DEUS, et al. 2002:81)

A partir da “ética da súplica” entende-se que a maioria das pessoas desenvolve o sentimento de medo e respeito pelo sobrenatural, ou seja, o desconhecido, especialmente pelo fato de terem a concepção dualista de „certo“ e „errado“, do „bem“ e do „mal“, própria do cristianismo, e, principalmente, o sentimento de receio do acreditado „julgamento final“. Essa noção é transmitida pelos sacerdotes da Igreja Católica a fim de manterem os fiéis dentro da instituição religiosa, destacando a importância de manterem-se ligados nessa instituição, onde a mesma é vista pelos indivíduos como a mediadora entre o natural e o sobrenatural.

Os fiéis na sua maioria ao fazerem qualquer tipo de sacrifício, utilizam o termo „pagando promessa“. Este pagamento da promessa, segundo a tipologia de Weber (2009), consiste na remuneração do mago (no presente objeto de pesquisa, „santo“), que, uma vez coagida à divindade, e, evidentemente, alcançada a resolução dos problemas cotidianos, e o devoto pode continuar sua vida cotidiana até precisar novamente dos serviços do santo (mago).

O sentimento dos fiéis em relação ao pagamento da dívida com o sobrenatural faz surgir à responsabilidade em cumprir sua promessa, por isso estabelecem um tempo para liquidarem esse débito. Há pesquisadores que afirmam que essa situação torna-se de alguma forma um sistema de troca, entre o fiel e o santo, por ter essa troca com os “deuses” visam beneficiarem próprios, por isso suas escolhas no âmbito religioso estão voltados para os seus próprios interesses.

O teólogo Rudolf Otto<sup>2</sup> afirma que o transcendental em contato com a sociedade, permite estabelecer um sentido na vida das pessoas, já que essas manifestações ocorrem por os

---

<sup>2</sup> Rudolf Otto é um teólogo alemão, cuja importância remonta ao fato de ser um dos principais fundadores da linha conhecida como “Fenomenologia da Religião”.

indivíduos relacionarem o transcendente com o imanente. Em virtude disso, o cristianismo é definido a partir da caracterização de atributos (razão, vontade, espírito, etc.), sendo representados como perfeitos, embora, seja racionalizável. Assim, o racional tornou-se parte da divindade, definindo a *fé* com convicção.

Ao analisar a relação existente entre o sagrado (sobrenatural/imaterial) e o profano (natural/material), é preciso primeiramente entender que ambos são conceitos ontológicos, embora, mesmo sendo distintos, se complementam, a fim de dar sentido de existência tanto de um quanto de outro. Na festa religiosa de Panamá, assim, como em qualquer outra festa com aspecto religioso existem esses dois elementos reunidos.

A questão do racional, também está ligada ao sagrado, já que as manifestações de fé ocorrem por os fiéis acreditarem na força do sobrenatural e lucrarem com essa situação. Na medida em que fazem compromisso com o transcendental, logo, fazem uma negociação com a divindade.

Durante os dias festivos na cidade de Panamá, pode-se constatar que essas situações tornam-se evidentes, quando surgem inúmeros sacrifícios feitos em agradecimento ao „santo“, sendo este o Divino Pai Eterno, seja por um forte sentimento de medo e respeito pela divindade, seja, por acreditarem na força do sobrenatural, a fim de modificar situações em que o natural não tem a possibilidade de alterar.

Neste sentido, tomamos como principal problema de pesquisa a proposta de pensarmos de que maneira os elementos do sagrado e profano, bem como do racional e irracional, determinam/condicionam a disposição e dinâmica religiosa no espaço específico da cidade do Panamá, durante a festa do Divino Pai Eterno, tomando como ponto de partida a devoção religiosa como um meio específico de herança, memória e patrimônio imateriais do estado do Goiás.

## BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. Tradução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 6ª Ed. 2007. p. 27 - 78.



BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Rotina, Festa e Ritual: algumas idéias introdutórias. In: **Cavalhadas de Pirenópolis**. Goiânia: Oriente, 1981. p. 19 - 33.

DI NOLA, Alfonso. Sagrado/Profano. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 12. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. p. 105 - 160.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Tradução Walter O. Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007. 224 p.

RODRIGUES, Eloane Aparecida. **Fé e Religiosidade na Festa em Louvor ao Divino Pai Eterno na cidade de Panamá-GO**. 2011. 72 páginas. \_ f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História – Universidade Estadual de Goiás) – Itumbiara, GO.

SANTOS, Leila Borges Dias. Realidade Católica em Goiás Durante o Bispado de Dom Joaquim

Gonçalves de Azevedo (1865-1876). A Época que Antecede o Apogeu do Ultramontanismo em Goiás. In: **Ética da súplica: catolicismo em Goiás no final do século XIX**. Goiânia; Ed. da UCG, 2008. p. 65 - 140.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira. **Trindade de Goiás: Uma cidade santuário conjunturas de um fenômeno religioso no centro-oeste brasileiro**. 1976. 197 f. Dissertação (Mestrado em História Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás) – Goiânia, GO.

SILVA Mônica Martins da. **A festa do Divino. Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Goiânia: AGEFEL, 2001

WEBER, MAX. Os tipos de dominação. In: **Economia e Sociedade**. Tradução Regis Barbosa/Karen Elsabe Barbosa. Ed. da Unb, 4ª edição, 2009. p. 294 - 321.